



Encontro Nacional de Artes da Cena

POESIA DANÇADA: A IMPORTÂNCIA DO GRUPO *LESHJAE KUMPANJA*

Cybelle de Lima Barros (UFAL)¹
cypelleufal@gmail.com

Ana Flávia Ferraz (UFAL)²
Ana.ferraz@ichca.ufal.br

Resumo: Esta comunicação traz os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado: *Leshjae Kumpanja entre gestos políticos, estéticos e somáticos: uma poesia Romani*, que tem como proposta se debruçar sobre a história do único grupo a realizar arte *Romani* ou *Rhomá* no estado de Alagoas. Com ênfase e olhar voltado para as práticas cotidianas dos *Romani*, principalmente as artísticas, como a dança e a música, o foco do nosso projeto é também auxiliar no resgate das suas contribuições na construção da cultura brasileira em geral e alagoana em específico. Para tanto, o trabalho segue as reflexões em torno da memória cultural (Taylor, 2013) e cultura oral de (Portelli ,2016).

Palavras-chave: arte cigana. oralidade. romani.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Dança, da Universidade Federal de Alagoas. Discente pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas- Niped/Ufal/CNPq.

² Professora Associada do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas. Líder e pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas- Niped/Ufal/CNPq.

Introdução:

Tratar da história e da cultura do povo Romani constitui um desafio considerável no campo da pesquisa acadêmica, especialmente em virtude do caráter predominantemente oral de sua tradição cultural. Frequentemente classificados como um povo ágrafo, os Romani mantêm a transmissão de seus saberes e experiências por meio de narrativas orais, que ora emergem de suas próprias construções identitárias, ora são mediadas pelo imaginário popular que, nem sempre, lhes confere representações fidedignas. Essa oralidade se manifesta também por meio de performances culturais – como a música, a dança e os rituais cotidianos – que compõem um corpo expressivamente rico, embora frequentemente marginalizado ou invisibilizado pelas estruturas hegemônicas de conhecimento, centradas na produção escrita.

Apesar da existência de uma língua comum, o *Romani*, considerada a língua-mãe dos diversos grupos que compõem esse povo, há particularidades linguísticas, culturais e sociais que distinguem significativamente as comunidades Romani entre si. Essas variações regionais e étnicas dificultam a sistematização de informações, sobretudo quando se busca compreender suas trajetórias específicas em contextos nacionais ou locais. No caso brasileiro, e particularmente no estado de Alagoas, os estudos sobre os Romani ainda são escassos e fragmentários, o que evidencia a necessidade de iniciativas que se proponham a investigar, registrar e valorizar suas contribuições para a formação histórica e cultural do país.

Algumas reflexões:

É nesse contexto que se insere o presente trabalho, que apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado *Leshjae Kumpanja entre gestos políticos, estéticos e somáticos: uma poesia Romani*. A proposta da pesquisa é lançar um olhar atento e comprometido sobre a trajetória do grupo Leshjae Kumpanja, o único identificado até o momento como produtor de arte Romani ou Rhoma no estado de Alagoas. A investigação centra-se especialmente nas práticas artísticas e cotidianas do grupo, com ênfase na dança e na música, entendidas não apenas como expressões culturais, mas também como formas de resistência e de produção de subjetividades e memórias.

Embora tenhamos algumas publicações sobre o assunto, as informações ainda são poucas e esparsas, principalmente no que se refere à sua contribuição na formação do estado de Alagoas. Teixeira reforça a extrema carência de arquivos documentais sobre o assunto que envolve os *Romani* no Brasil, quando afirma que:

A documentação sobre ciganos é escassa e dispersa. Sendo ágrafo, os ciganos não deixaram registros escritos. Assim, raramente aparecendo nos documentos, aproximamo-nos deles indiretamente, através de mediadores, chefes de polícia, clérigos e viajantes, por exemplo. Nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro. (Teixeira, 2008, pág.05)

Com ênfase e olhar voltado para as práticas cotidianas dos *Romani*, principalmente as artísticas, como a dança e a música, o foco do nosso projeto é também auxiliar no resgate das suas contribuições na construção da cultura brasileira em geral e alagoana em específico.

Partimos da perspectiva de Diana Taylor (2013), e seu entendimento do conceito de repertório ou ‘memória cultural’ em que considera as ações, práticas performativas ou uma espécie de linguagem manifestada pelo corpo, como fonte de transmissão de conhecimento, memória e identidade, ou seja, a chamada memória corporal ou incorporada.

Dada a sua característica de comunidade ágrafo, a história oral ocupa um lugar de destaque na pesquisa. Nesta perspectiva, Portelli (2016) nos auxilia a pensar no valor da cultura oral a serviço da contribuição da visibilidade da etnia, preservação das suas tradições, identidade e herança cultural.

Portelli concebe a história oral como uma "arte da escuta", fundamentada em um complexo sistema de relações. Dentre essas, destacam-se: (1) a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado; (2) a articulação entre o tempo da entrevista e o tempo histórico abordado — ou seja, entre presente e memória; (3) a interseção entre as esferas pública e privada; e (4) a relação entre a oralidade e a narrativa escrita elaborada pelo historiador ou pesquisador. Para o autor, a história oral não se limita à narração factual de acontecimentos, mas constitui uma interligação profunda entre os eventos históricos, as memórias individuais e coletivas, e as interpretações construídas a partir dessas memórias.

Nessa perspectiva, a memória não deve ser concebida como um simples repositório de informações, mas sim como um processo contínuo de elaboração e reconstrução de sentidos e

significados (Portelli, 2016, pág. 18). Trata-se de uma memória que permanece viva e atuante no interior da sociedade, contribuindo para a transmissão de saberes ao longo do tempo.

Em nossa pesquisa, procuramos evidenciar de que forma a expressão artística e o artivismo do *Leshjae Kumpanja*, através da valorização dos corpos políticos e dos gestos de seus integrantes fundadores, vem construindo um espaço de resistência efetiva no combate à Romafobia ou anticiganismo, promovendo a desconstrução de estereótipos e a defesa dos direitos da comunidade cigana como cidadãos brasileiros.



Figura.01 - Participação artística do Leshjae Kumpanja no 1º Congresso Nacional dos Ciganos do Brasil no ano de 2013 na cidade de Brasília. Fonte: galeria de fotos do Facebook do Leshaje Kumpanja. Disponível em :<https://www.facebook.com/share/1KDufaSpQF/>. Acesso em 09/10/25.

O projeto objetiva, ainda, contribuir para o resgate histórico das contribuições dos povos Romani na formação da cultura brasileira, com especial atenção para o contexto alagoano. Vale destacar que Alagoas abriga importantes comunidades ciganas, algumas das quais estiveram diretamente envolvidas na fundação de municípios como Murici e Tanque D’Arca. Tais elementos históricos, muitas vezes silenciados ou omitidos nos registros oficiais e nos manuais escolares, reforçam a urgência de uma (re)escrita da história que reconheça a centralidade desses sujeitos na constituição do território e da identidade cultural alagoana.

A pesquisa desenvolve-se a partir de duas vertentes interligadas: por um lado, busca-se reconstruir e valorizar a história do grupo Leshjae Kumpanja; por outro, pretende-se evidenciar a relevância mais ampla da presença Romani em Alagoas, enfatizando sua agência histórica e cultural. Essa abordagem visa não apenas preencher lacunas na historiografia regional e nacional, mas também combater os processos de apagamento que historicamente marginalizaram esses povos nos discursos oficiais.

Considerações:

Além do resgate histórico, a pesquisa compromete-se com uma análise crítica do papel do artivismo praticado pelo Leshjae Kumpanja, cujas ações artísticas – ancoradas em corpos políticos e gestos simbólicos de seus integrantes – têm contribuído de forma significativa para o enfrentamento da Romafoobia (ou anticiganismo) no Brasil. Ao mobilizar a arte como instrumento de denúncia e de afirmação identitária, o grupo constrói um espaço de resistência, desconstruindo estereótipos e reivindicando o reconhecimento e os direitos da população cigana enquanto sujeitos de cidadania plena.

Em suma, este trabalho propõe uma escuta sensível e politicamente engajada dos corpos, vozes e trajetórias que compõem o grupo Leshjae Kumpanja, na tentativa de reconfigurar narrativas históricas e ampliar o campo de visibilidade das epistemologias Romani. Através dessa perspectiva, acreditamos ser possível promover uma reflexão crítica sobre os mecanismos de exclusão e, ao mesmo tempo, fomentar processos de valorização e legitimação das culturas ciganas no Brasil contemporâneo.

Referências:

- PORTELLI, A. (2016). **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz
- TEIXEIRA. C.R (2008). **História dos ciganos no Brasil.** Núcleo de Estudos Ciganos Recife – 2008. Disponível em:
https://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf.
Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.
- TAYLOR, D (2013). **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas.** Belo Horizonte: Editora UFMG.